

PLUGGED: **inserção mecânica** **na arquitetura da** **revolução industrial** **à revolução digital**

Liliana Carvalho



“O meio é a mensagem, porque é o meio que configura e controla a proporção e forma das acções e associações humanas” (McLuhan, 1995: 23).

Ao longo dos tempos, esta afirmação ganha cada vez mais sentido e torna-se uma constante realidade quotidiana. Apesar de relacionada particularmente com um discurso mediático¹ e com a sua perene veracidade, apliquemo-la da mais remota época industrial até à contemporaneidade, no mundo da informação e do protagonismo informático. Isto porque pretendo destacar o que penso ter sido o principal motor destes últimos dois séculos: a máquina. O intuito de decifrar este paradigma surge da curiosidade da relação que esta tem com o Homem em geral e com o arquitecto em particular.

Citando Karl Marx pelas palavras de Anthony Giddens: “para fazermos a História, temos de compreender a História” (Marx apud Giddens, 2006: 16), proponho uma breve passagem pela época industrial até à actualidade na procura de um melhor entendimento desta interacção amor/ódio pela máquina. A arquitectura é esculpida pela história social e política, por isso é uma pertinente disciplina de estudo nesta pesquisa. Através da análise da *metamorfose arquitectónica* verificada até aos dias de hoje, pretendo compreender o actual panorama após a inserção deste novo factor, que denomino *Plug-in*.²

A máquina surge na Revolução Industrial como um “acelerador” do método de produção tornando-o mais eficiente. Os produtos passam a ser produzidos em grande número e mais rapidamente, permitindo uma diminuição dos preços, e estimulando o seu consumo. A substituição da mão-de-obra pela máquina teve como consequência a diminuição do custo de mão-de-obra e a sua falta de qualificação: o trabalho dos operários das fábricas era sistematizado e repetitivo, os trabalhadores eram “programados” para uma tarefa mecânica e não especializada.³

Para o “indivíduo industrial”, a dependência da máquina assume um nível económico. No entanto, não se preocupando com a teorização desta dependência nem a percepcionando a 100%, o Homem reage mais ao sistema que a máquina provocou na sociedade, do que à própria máquina-objecto. A incompreensão que resulta da aceleração da inserção deste novo factor traduz-se inicialmente numa arquitectura com apetência mecanicista. *La beauté rationnelle*⁴ era a expressão usada para definir a “beleza” da máquina que tão bem caracterizava o funcionalismo industrial da época – como “afirma” a *Torre Eiffel* em Paris, por exemplo. Se inicialmente a máquina se transforma em “musa de inspiração” na arte de construir e projectar, posteriormente é associada à destruição do ideal de obra única pela sistematização que cria no processo de produção de um edifício. Partimos do princípio que, na época em questão, os termos *máquina* e *indústria* eram indissociáveis, quando transportados para um panorama arquitectónico: desde a produção de novos materiais, à sua standardização, ao seu transporte até a formalização do edifício.

1 Os media como meio de extensões do Homem, Marshall McLuhan.

2 Se um plug-in consiste num programa de computador que interage com a aplicação já existente neste, com intuito de fornecer uma função “on demand”, a máquina como plug-in surge como uma nova função “on demand” adicionada à Arquitectura (aplicação existente).

3 Esta “programação humana” é posteriormente retratada na obra cinematográfica de Charles Chaplin – *The Modern Times* (1936).

4 Acerca de um trabalho desenvolvido por Paul Souriau em 1904 e mais tarde, num artigo da *Revue d'Esthétique*, o seu filho – Etienne Souriau – descreve a doutrina defendida por seu pai; ele desenvolveu um trabalho intitulado *la beauté rationnelle* (apud Francastel, 2000: 45).